

# INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E

## RACISMO

Esta é a incrível história de uma baiana, cuja marca de faca, em seu braço direito, predestina-a desde o nascimento a ser mãe-de-santo, servindo os orixás e sacrificando aos exus a partir dos nove anos de idade. Nesta quarta edição, reestruturada, você vai sentir a repugnância experimentada por Georgina Aragão dos Santos Franco, ao ser enclausurada num quarto fétido, cheirando a sangue seco, sangue este com que lhe cobriram o corpo inteiro, ao 'fazer o santo'. Adivinhará depois toda sua alegria e euforia, quando finalmente descobriu não mais pertencer sua alma ao diabo, pois o sangue de Jesus Cristo passou a ser em sua vida mais forte e poderoso que quaisquer oferendas, vãos ou obrigações. Estou convencido de que você voltará muitas vezes a ler esse livro, como também o passará às mãos de amigos, parentes ou conhecidos que seguem as seitas afro-brasileiras. Aliás, este é um livro que todo brasileiro deve ler. (MCALISTER, 1978, p. 02)

Há muito tempo venho orando por pessoas as quais na sua grande maioria tiveram ligações com o espiritismo nas suas diversas facetas. Milhares de pais-de-santo e mães-de-santo se transformaram em cristãos sinceros e tementes a Deus, após participarem de reuniões em nossas igrejas. [...] Sentir-me-ei realizado se este livro for uma verdadeira mensagem transformadora. Espero que a sua vida, amigo, mude após a leitura sem preconceitos desta mensagem. Quero ver milhares de pessoas, que antes eram escravas ou "cavalos" dos demônios, por intermédio dessas palavras e da ação do Espírito Santo em suas vidas, se tornarem verdadeiros servos do Deus Altíssimo, adorando Jesus em Espírito e em Verdade, juntamente conosco, em nossas abençoadas reuniões. Que Deus abençoe abundantemente o meu amado leitor. (MACEDO, 1993, p. 01)

O primeiro texto é o prefácio do livro *Mãe de santo*, escrito pelo missionário Walter Robert McAlister, que foi o pai<sup>1</sup> de Edir Macedo, Marco Feliciano, Silas Malafaia e Pastor Lucinho e o segundo foi retirado do prefácio do livro de Edir Macedo, *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* Ambos vinculados à Igreja Universal do Reino de Deus.

---

<sup>1</sup> SANTOS, valdelice conceição dos. O discurso de Edir Macedo no livro *Orixás, Caboclos e Guias. Deuses ou demônios?: Impactos e impasses no cenário religioso brasileiro*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo. 2010.

Esse último foi sucesso de vendas, com mais de quatro milhões de exemplares vendidos no mundo. Ambos enfocam a demonização das religiões afro-brasileiras e mediúnicas. São obras que lidas nas igrejas trazem discursos com sérias reverberações no comportamento dos seguidores, significando cada vez mais uma imposição do que é do bem e do mal.

Isso nos faz refletir sobre os impactos de concepções como essas em crianças e adolescentes que frequentam essas igrejas e acabam assimilando esses discursos sobre as entidades e crenças afro-brasileiras.

Ambos os livros são extremamente intolerantes e relacionam as entidades do panteão afro-brasileiro ao demônio, procurando aproximar essas práticas religiosas às descrições bíblicas do inferno e de demônios e isso acaba suscitando práticas de intolerância e estigmatização nos seguidores/leitores.

É preciso pensar nos motivos que levam os adeptos das religiões afro-brasileiras a passarem por tanta situação de preconceito e intolerância por conta de sua religião. Muitos pesquisadores acreditam que a origem dessa crescente intolerância esteja conectada à influência de alguns grupos neopentecostais, bem como do racismo histórico que permeia o país e que impregnou o imaginário popular, defendendo que tudo o que é produzido pelos negros é considerado inferior, e os membros das religiões afro não são pessoas de bem.

O pesquisador Erisvaldo Pereira dos Santos (2015) tenta compreender os motivos da intolerância no Brasil e faz duas reflexões, a primeira relacionada ao fundamento e a organização, tentando pensar no que “há de tão absurdo na organização e fundamentos das religiões de matrizes africanas”, que poderia explicar tal pensamento a outra é “por que será que, no mercado concorrencial das religiões, as vertentes afro-brasileiras enfrentam tanto problema de aceitação e legitimidade?”

### **O que é intolerância religiosa?**

É a discriminação contra as pessoas e grupos que têm diferentes crenças ou religiões, e é marcada principalmente pelas atitudes agressivas e ofensivas;

A intolerância religiosa passa a se configurar quando a pessoa age com indiferença, violência ou de **qualquer outro modo que fira a dignidade** de outrem;

Por exemplo, humilhar, perseguir, discriminar ou agredir alguém por ter uma religião ou crença diferente de outra pessoa são atos de intolerância religiosa;

No Brasil, a **intolerância religiosa é um crime de ódio**, classificado como inafiançável e imprescritível. A pena para os culpados varia entre 1 a 3 anos de prisão, mais o pagamento de multa.

Para responder explica o que entende por religiões de matrizes africanas no Brasil<sup>2</sup> e destaca que alguns dos elementos citados, como a comunidade, oráculo, exercício do sacerdócio, os rituais públicos e privados, o transe ou incorporação das divindades como um dos focos da intolerância.

E alega que embora a experiência de transe religioso ou incorporação de divindades/ancestral não seja prerrogativa exclusiva das religiões de matrizes africanas, ainda assim, para os intolerantes, tais práticas são inadmissíveis por um motivo básico: várias entidades são invocadas e cultuadas como expressão de religiosidade, em detrimento de um culto exclusivo a um deus transcendente.

Embora o protagonismo seja das igrejas evangélicas, vale destacar que a igreja católica tem um histórico de desrespeito para com essas religiões. “[...] Durante mais de quatro séculos, a Igreja Católica, proclamou, em sua catequese, que fora dos muros cristãos existiam hereges, pagãos e infiéis e que as práticas religiosas dos africanos eram supersticiosas, demoníaca e de magia negra. (SANTOS, 2015, p.102)



O desconhecimento acerca dessas religiões afro-brasileiras aumenta o preconceito e a intolerância contra o povo que as praticam. Por isso, no estágio em que nos encontramos, as religiões afro-brasileiras são taxadas de demoníacas e seus praticantes são abordados como “macumbeiros”. A imagem ao lado exemplifica que os terreiros são espaços de solidariedade e ajuda mútua, em que há respeito e acolhimento. Foi capturada no

município de Bacabal.

Imagem: Noite de roupa nova/ Bacabal-MA

---

<sup>2</sup> Entendo como religiões de matrizes africanas, no Brasil, todas as expressões religiosas em que existe algum tipo de transe ou possessão mediúnica (de orixá, inquice, vodum, ou ancestral) e rituais de iniciação, público ou privado, envolvendo a comunidade com cânticos e danças ao som de instrumentos de percussão comandados por um ou mais de um sacerdote ou sacerdotisa amparado/a por um tipo de oráculo africano, bem como mitos e histórias africanas. (SANTOS, 2015, p.72-73)

Fonte: arquivo pessoal

Na raiz desse preconceito e intolerância se encontra o racismo aos negros, aos costumes e religiosidades dos seus ancestrais e a fé que vivenciam. Esse racismo pode ser verificado quando se intui, por exemplo, que as religiões afro-brasileiras são compostas só por pessoas negras, de baixa escolaridade e renda social precária. Quando na realidade há participação de membros de várias esferas da sociedade.

Ainda que na Constituição federal declare que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos”, casos de ataques contra religiões afro-brasileiras crescem cada vez mais. Os ataques a terreiros são noticiados com bastante frequência e agressões verbais e físicas são cometidas contra os féis de religiões afro-brasileiros.

O professor Vagner Gonçalves da Silva, antropólogo e especialista em religiões afro-brasileiras, afirma que as origens da violência contra essas crenças remontam os tempos da escravidão e embora em moldes diferentes continua assolando os praticantes e adeptos.

A população negra no Brasil, sobretudo, os adeptos das religiões afro-brasileiras passam constantemente por situações envolvendo racismo e intolerância e com frequência sofrem agressões e ataques físicos e simbólicos contra suas crenças e templos. Além da luta pela sobrevivência, do atraso social, econômico e político.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2016 trouxe como temática da prova de redação a necessidade de rompermos com tais violências, problematizando os “caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”. Na prova, os inscritos puderam falar das suas experiências e possíveis tentativas de vivermos um caminho de paz e unidade entre as religiões. Sabemos que as comunidades e povos de matrizes africanas são forjados pela resistência e luta pelo culto e memória da sua ancestralidade. Com isso, vemos que essas características reverberam a força do povo preto no Brasil.

A Lei 11.635/07, que criou o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, foi sancionada em 2007, pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A data foi escolhida para homenagear a ialorixá Gildásia dos Santos, conhecida como Mãe Gilda, falecida em 21 de janeiro de 2000, em Salvador (BA). Pouco antes de sua morte, a líder religiosa foi alvo de uma série de ataques difamatórios. O caso acabou se tornando um símbolo da luta contra a intolerância religiosa.

Fonte: [Secretaria de Direitos Humanos](#)

A má interpretação das especificidades das práticas religiosas de segmento afro-brasileiro acaba tendo reverberações negativas e com isso se perpetuam ideias errôneas que perpassam todos os segmentos da sociedade e a escola tem papel fundamental nessa mudança de concepção. O que se deve fazer é comparar criticamente e interpretar a trajetória histórica das diferentes cosmologias religiosas.

Assim, religião não se ensina propriamente, mas é possível refletir sobre esse fenômeno na escola, tendo em vista que um dos grandes desafios para a educação é promover o respeito pelo outro como legítimo outro, sem o intento de homogeneizar as culturas, mas sim de celebrar a diversidade cultural.



A imagem ao lado representa uma criança, pertencente à religião afro, fotografia capturada no terreiro de seu folha seca, município de Bacabal. Agora imaginemos como é o cotidiano desse garotinho na escola, será que ele pode expor sua religião como se fosse o catolicismo? Será que pode usar suas guias sem sofrer críticas e passar por situações

constrangedoras e de represália pelos colegas? Vamos refletir!

Imagem: festa dos erês/ Terreiro de seu Folha Seca -Bacabal-MA  
Fonte: arquivo pessoal

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

MAC ALISTER, Robert. **Mãe de Santo**. Rio de Janeiro. Empreendimentos Evangélicos – GB, 1968.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios**. Rio de Janeiro: Universal, 16ª edição, 1993.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e a matrizes africanas: um diálogo necessário**. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

**Significado da Intolerância religiosa in:** <https://www.significados.com.br/intolerancia-religiosa/>. Acessado em 23 de março de 2018.

VIANNA, M. S. **Diversidade religiosa no contexto escolar.** Revista da Católica, v. 3, p. 10-20, 2011.